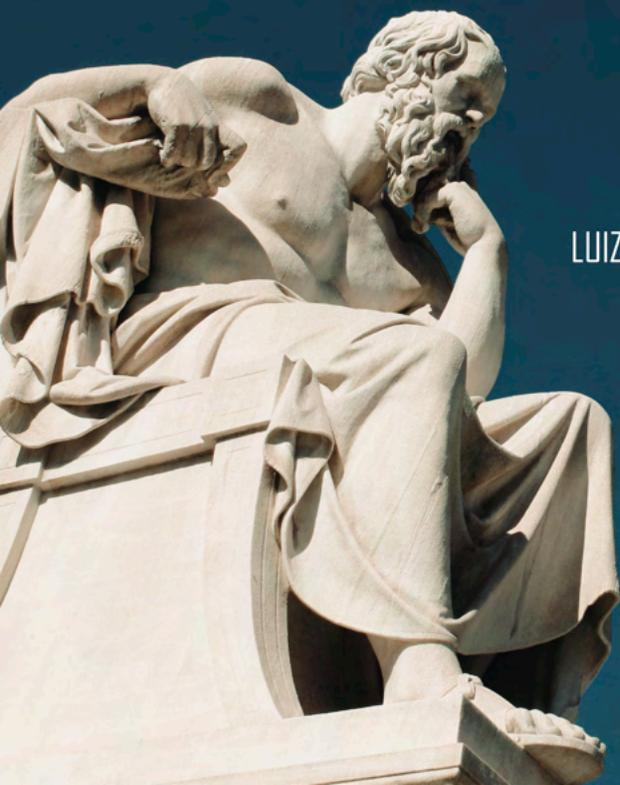


REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111	
CAPÍTULO 2	9
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112	
CAPÍTULO 3	18
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113	
CAPÍTULO 4	30
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114	
CAPÍTULO 5	43
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115	
CAPÍTULO 6	57
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116	
CAPÍTULO 7	73
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117	
CAPÍTULO 8	83
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

CAPÍTULO 9..... 93

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA

Renata Dalbianco Ferreira dos Santos
José Alberto Lechuga de Andrade Filho
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

CAPÍTULO 10..... 101

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA DE WINNICOTT

Data de aceite: 01/11/2021

Data submissão: 06/08/2021

Cristian Marques

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/9536989210509943>

RESUMO: O presente estudo examina como alguns aspectos da fenomenologia de Heidegger, especialmente a *analítica existencial* em noções como abertura (*Erschlossenheit*), ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*) e seus desdobramentos, podem auxiliar no esclarecimento da concepção winnicottiana de constituição do indivíduo. Com isso, de modo geral e partindo de uma posição heideggeriana, visa-se estimar os ganhos teóricos dessa interface fenomenológico-psicanalítica para uma teoria da formação do indivíduo. De modo específico, como recorte para este artigo, será analisado o conceito de *ilusão de onipotência*, em Winnicott, descrito como central no desenvolvimento humano na fase de dependência absoluta de um bebê aos cuidadores. Segundo Winnicott, essa experiência de ilusão é parte essencial da constituição de um indivíduo, pois nela se enraíza a capacidade de significar e se relacionar com a realidade. Winnicott tentou fornecer uma compreensão mais fundamental para esse fenômeno, o qual ele percebia na clínica, da formação saudável ou patológica de indivíduos – embora não

pretendesse formular uma ontologia. Heidegger não pretendeu uma antropologia filosófica ou fundamentar a psicologia, contudo sua abordagem fenomenológica fornece elementos para pensar ontologicamente essas áreas. Ambas as abordagens possuem pontos de tensão talvez irreconciliáveis, tanto por almejamem questões completamente distintas, quanto pelos pressupostos não compartilhados. Entretanto, traçar esses paralelos pode lançar luz sobre aspectos truncados da teoria winnicottiana de formação do indivíduo, assim como reavaliar o alcance e as limitações da *analítica existencial* heideggeriana. Algumas aproximações serão oferecidas, evidenciando alguns pontos de tensão entre ambas perspectivas, tais como: as dificuldades de tratar dos objetivos clínicos (de âmbito ôntico), em Winnicott, a partir da abordagem de Heidegger (âmbito ontológico); a tensão entre os pressupostos de Winnicott acerca da natureza humana e o esvaziamento dessa noção tradicional na fenomenologia de Heidegger; a tensão gerada ao se tomar conceitos específicos dentro de perspectivas sistemáticas e distintas que não são trivialmente aproximáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Ilusão de onipotência; Realidade; Analítica Existencial; Winnicott; Heidegger.

PHENOMENOLOGICAL APPROXIMATIONS TO WINNICOTT'S ILLUSION OF OMNIPOTENCE

ABSTRACT: This study examines how some aspects of Heidegger's phenomenology, especially existential analytics in notions such as

openness (Erschlossenheit), being-in-the-world (In-der-Welt-sein) and its consequences, can help to clarify the Winnicottian conception of constitution of the individual. With that, in general and starting from a Heideggerian position, the aim is to estimate the theoretical gains of this phenomenological-psychoanalytic interface for a theory of the formation of the individual. Specifically, as an outline for this article, Winnicott's concept of illusion of omnipotence will be analyzed, described as central to human development in the phase of absolute dependence of a baby on caregivers. According to Winnicott, this experience of illusion is an essential part of the constitution of an individual, as the capacity to signify and relate to reality is rooted in it. Winnicott tried to provide a more fundamental understanding of this phenomenon, which he perceived in the clinic, of the healthy or pathological formation of individuals – although he did not intend to formulate an ontology. Heidegger did not intend a philosophical anthropology or a foundation for psychology, however his phenomenological approach provides elements for thinking about these areas ontologically. Both approaches have perhaps irreconcilable points of tension, both because they aim at completely different issues and because of unshared assumptions. However, drawing these parallels can shed light on truncated aspects of the Winnicottian theory of individual formation, as well as reassess the scope and limitations of Heidegger's existential analytics. Some approximations will be offered, showing some points of tension between both perspectives, such as: the difficulties of dealing with clinical objectives (ontic scope), in Winnicott, from Heidegger's approach (ontological scope); the tension between Winnicott's assumptions about human nature and the emptying of this traditional notion in Heidegger; the tension generated by taking specific concepts within systematic and distinct perspectives that are not trivially approachable.

KEYWORDS: Illusion of omnipotence. Reality. Existential Analytics. Winnicott. Heidegger.

1 | INTRODUÇÃO

Pretende-se neste estudo examinar como alguns aspectos da fenomenologia de Martin Heidegger podem auxiliar no esclarecimento da concepção winnicottiana de constituição do indivíduo. Para isso, iremos tratar de esboçar essa concepção de Donald Wood Winnicott na primeira seção. Na segunda seção trataremos de expor um dos elementos fundamentais para a constituição do indivíduo, a *ilusão de onipotência*, conforme Winnicott. Na terceira seção, pretende-se trazer os aportes fenomenológicos de Heidegger para explicitar o processo descrito em Winnicott, enquanto tentaremos ensaiar os resultados, para ambas as perspectivas teóricas, assim como as dificuldades dessa aproximação.

Antes de adentrarmos propriamente no tema deste artigo, precisamos apontar algumas razões para o interesse filosófico pela obra de Winnicott. Uma primeira razão é a de que sua obra possui uma concepção de humano mais ampla do que a visão naturalista, típica em diversas vertentes de psicologia e, de certa forma, da psicanálise freudiana. Essa afirmação é, sem dúvida, problemática e ensejaria explicações por demais longas e para além do escopo deste trabalho. Entretanto, remetemos aos trabalhos de Loparic (1995; 2001; 2013) e Santos (2009; 2010) à elucidação de tal posicionamento em que essa

perspectiva é levantada e defendida. Contudo, concordes com Roberto Graña (2016, p. 10-12) e Beaumont (2014), não referendamos a perspectiva de Loparic e Santos quanto à reivindicação do paradigma kuhniano para a abordagem de Winnicott frente a Freud.

Outra razão de interesse filosófico pela obra winnicottiana é o diálogo de fundo entre a posição da psicanálise winnicottiana e as perspectivas existencialistas e fenomenológicas, como diversos autores já mostraram. Roberto B. Graña (2016b) mostra como a obra do fenomenólogo Merleau-Ponty é profundamente próxima da posição de Winnicott em diversos temas, ou como o *Dasein* de Heidegger é extremamente similar, senão o próprio *self incomunicável* de Winnicott (2016a). Saldanha e Klatau (2016) estabelecem uma relação entre o habitar heideggeriano, pensado desde as relações etimológicas do construir/morar (*bauen/buan*), e a noção de confiança mãe-bebê em Winnicott. Rudnytsky (1991, p.163) mostrando diversos paralelos de concepções filosóficas sobre o ser humano e a psicanálise, além de apontarem para Heidegger e sua estrutura temporal de ser-no-mundo como próximo da noção de *self* em Winnicott. Elsa O. Dias (2006) também relaciona Heidegger e Winnicott mostrando como problemas na temporalidade do bebê levariam a estados esquizoides. Na mesma esteira, Santos (2010, p. 21) aponta principalmente para a tarefa de “elaborar um sentido do ser como conquista do poder continuar-a-ser”, mas também “a ideia de que distúrbios psíquicos graves têm algo a ver com a temporalização do bebê” e que o sentido de realidade não é assegurado pela razão. Pode-se citar ainda outras articulações entre a obra de Heidegger e Winnicott em Santos (2006), Loparic (1995; 2001; 2006; 2007; 2013), Ribeiro (2007), Cabestan (2010), além da pesquisa da sul-africana Le Roux (2001) sobre a *solidão* em ambos os autores.

Ocorre-nos também que há elementos suficientes na obra de Winnicott sobre a intersubjetividade como um dos constituintes irrevogáveis do ser humano, tal como nos parece existir nas exposições heideggerianas sobre as estruturas do *Dasein*. Embora esse ponto ainda precise ser devidamente examinado, pois não se encontram trabalhos específicos sobre o assunto, ainda que o trabalho de Coelho Jr. e Figueiredo (2004) toque de alguma forma nesse tema. Outro aspecto de interesse filosófico, o qual será a seguir o tema deste estudo, é a abordagem winnicottiana da constituição do indivíduo. Nessa abordagem, Winnicott produz uma teoria do desenvolvimento psicológico humano tendo a noção de *ilusão de onipotência* como um de seus conceitos centrais. Esses pontos de contato, e outros não elencados, entre o arcabouço teórico de ambos os autores leva a crer que há a possibilidade de pesquisas e estudos aprofundando ainda mais o intercâmbio teórico.

Importante salientar que, contrariamente ao que possa sugerir tantas relações entre Heidegger e Winnicott, ambos autores jamais tomaram conhecimento da obra de um ou de outro. No importante trabalho de reconstituição do pensamento de Winnicott, elaborado pela pesquisadora irlandesa Margaret Spelman (2013), não consta que ele tenha tido qualquer contato direto, como ter lido ou estudado nenhum autor da tradição

fenomenológica. Também seu principal biógrafo, Adam Phillips (2006), não relata nenhum tipo de vínculo direto entre Winnicott e a tradição existencialista ou fenomenológica. Graña (2016, p. 10) reforça esse entendimento afirmando que Winnicott “tinha dificuldade para ler qualquer coisa que lhe sugerissem e não possuía uma disciplina de leitura” e “[ele] não possuía também um conhecimento amplo e diversificado de campos e de temas usualmente requeridos (...)”. Para esse autor, diferentemente de Lacan que “foi poderosamente influenciado pela fenomenologia alemã e pelo estruturalismo francês”, Winnicott seguia por uma senda construída pelos axiomas historicamente estruturadores do pensamento inglês, “a filosofia empirista e o humanismo utilitarista”, ainda que “à medida que seu pensamento se sofisticava, [passou] a adotar uma forma de pensar a psicanálise bem próxima da fenomenologia francesa” (2016, p. 23).

2 | A CONCEPÇÃO WINNICOTTIANA DE CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO

Agora passaremos a apresentar a concepção de constituição do indivíduo em Winnicott. Como nosso objetivo com essa apresentação é a de relacionar certos pontos de contato com a posição heideggeriana, e essa concepção winnicottiana está calcada na teoria do amadurecimento pessoal, ocorre que adotaremos um ponto de vista fenomenológico para a leitura dessa teoria do amadurecimento pessoal. Também, é preciso dizer, a teoria do amadurecimento pessoal é muito ampla e se encontra pulverizada em diversas obras de Winnicott, e como nossos propósitos aqui são mais estreitos, tratarei de expor alguns momentos da teoria que privilegiam aspectos ontológicos da mesma. Para um trabalho pormenorizado da referida teoria de Winnicott, remetemos à obra de Elsa Oliveira Dias (2016).

Winnicott estudou os momentos iniciais da vida, nos estágios de desenvolvimento do bebê. Nesses estudos, a problemática do início do sentido de ser está amalgamada com o desenvolvimento emocional e psíquico de um ser humano desde seu nascimento. Em *Natureza Humana* (1988b, p. 153), Winnicott nos diz que, pelo menos no final da gestação, já há um ser humano capaz de experiências e que no princípio existe um “simples estado de ser e uma consciência insipiente da continuidade de ser e da continuidade do existir no tempo”.

Para o autor inglês, esses estágios iniciais de amadurecimento pessoal encontram-se na fase pré-natal e vêm a termo nos primeiros meses após o nascimento. Nesses momentos iniciais, o *self*, i.e., o “eu” que constituirá a pessoa amadurecida, ainda se encontra não-integrado. É o processo de amadurecimento que paulatinamente integrará o *self* até uma consciência capaz de se auto afirmar. Winnicott assevera que tal processo inicialmente é uma passagem da “não-existência” à existência, e esta existência seria dependente do cuidado e da confiança provida pela mãe/cuidador/ambiente.

Conforme Dias (2016, p. 49), a concepção de ambiente inicial de Winnicott deve

ser compreendida em dois aspectos principais: (1) o ambiente não é algo externo e nem interno; (2) o ambiente é a instância que sustenta e responde a dependência absoluta do bebê. O bebê necessita totalmente do outro ainda que este outro não seja um outro para ele, não é algo separado dele próprio, nem externo. Ao nascer, o bebê é completamente dependente do ambiente onde nasce, isto é, a mãe (ou substituta) e o cuidado dispensado àquele bebê significa a adaptação absoluta às necessidades do bebê. Nesse sentido se pode falar que o bebê não é uma unidade individualizada, um si-mesmo, pois ele não é por si, mas um par com a mãe-ambiente. Winnicott (1988b, p. 153) afirma que nesse estágio inicial a dependência é tão absoluta que não faz sentido pensar o bebê fora do conjunto ambiente-indivíduo.

É somente através do cuidado que esse bebê poderá adquirir um estado de dependência relativa posterior e um sentido de si-mesmo (WINNICOTT, 1988b). Desse modo, os cuidados com o bebê permitem a passagem da não-existência à existência, ainda que ele tenha um potencial e uma predisposição para o amadurecimento pessoal sem as quais nenhum cuidado seria suficiente para que ele se desenvolvesse. Ainda na mesma página, Winnicott nos indica que o estado em que o indivíduo humano se encontra ao emergir do não-ser é um estado de solidão essencial (*essential aloneness*). Isso implica uma condição de dependência máxima e não de ser sozinho. O ambiente deve ser adaptativo às necessidades do bebê, como já foi dito, mas é preciso compreender que essa adaptação precisa protegê-lo de qualquer situação que interrompa a continuidade de ser daquele *self* em desenvolvimento. A isto o ambiente também deve responder, pois o bebê está totalmente indefeso ao nascer.

Essa situação protetiva é tão crucial que, supõe Winnicott (1988b, p. 154), a ruptura nessa continuidade de ser pode levar a diversos distúrbios posteriores. Uma quebra momentânea nesse processo já é possível levar o indivíduo a desenvolver um falso-*self*. O estado de *solidão* não gera distúrbios *per se*, pois ele é um estágio natural no desenvolvimento. Porém o ambiente deve ser capaz de proteger e satisfazer as necessidades bebê. A *solidão* é um estado inerente ao ser humano, é de onde o ser emerge.

Santos (2010, p. 94) chama atenção para um aspecto muito caro à filosofia de Heidegger: “a existência surge de um ‘não’ que precisa integrar gradativamente todos os aspectos positivos do existir humano”. Um “não” que perdura no ser como um eco do passado originário e que somente encontrará sua integração completa no outro “não” da vida: a morte do indivíduo.

Importante marcar que na teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott o ser, o *self*, o indivíduo ou bebê, nunca são concebidos como um ser destituído de corpo. O bebê não *possui* um corpo, ele é um corpo na concepção winnicottiana. Em um artigo de 1952, “Psicoses e cuidados maternos”, publicado posteriormente em *Da pediatria à psicanálise* (1975, p. 219), Winnicott compreende que um corpo nasce e se desenvolve e ele é a base para que uma psique possa surgir. O autor volta a afirmar essa posição em *Natureza*

Humana (1988b, p. 37) e mesmo assevera que a oposição cartesiana de mente-corpo é uma armadilha (1988b, p. 44). Por isso não se pode tomar os termos “psique” e “corpo” em Winnicott como partes separadas, pois por “psique” ele entende “sentimentos e funções somáticas, isto é, vivência física” (WINNICOTT, 1975, p. 220ss).

Temos agora que um bebê humano é um ser com uma dimensão biológica importante e que, por isso mesmo, vem eivado de tensões instintuais próprias. Essas tensões oscilam no tempo a depender das necessidades características da corporeidade conjugada com o ambiente. As tensões instintuais criam uma espécie de expectativa no bebê que, se o ambiente for suficientemente adaptativo, serão atendidas. O bebê claramente não sabe ainda o que quer ou como satisfazer a tensão que lhe surge. Contudo, tão logo a tensão se torna presente, algo lhe advém, algo que pode ser um seio – ainda que ele não saiba do que se trata – e mitiga a tensão que havia emergido. Para o bebê, a tensão mitigada foi obra sua. Winnicott (1988b, p.120) descreve assim: “Desenvolve-se uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê”.

Essa cena inicial se repete com diferentes tensões e experiências, em um contínuo movimento de criar objetos que aparecem ao bebê como se antes não existissem. O bebê cria uma realidade subjetiva – entretanto não dicotômica como a relação sujeito-objeto¹ –, no sentido de conquistas integrativas e graduais que realiza em sua própria vida. Nesse ponto, o conceito de *ilusão de onipotência* cumpre um papel explicativo de como esse *self* passa a integrar-se paulatinamente em um processo maturacional.

3 | A ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA COMO FUNDANTE DA PSIQUE SAUDÁVEL

A *ilusão de onipotência* é uma expressão que Winnicott utiliza para descrever o elemento positivo e fundamental da constituição do indivíduo. Esse conceito expressa não uma estrutura, mas uma capacidade humana. Winnicott (1975, p. 152) explica que a capacidade a que se refere é a de estabelecer o contato com a realidade externa, um contato entendido como a construção de relações significativas. A *ilusão de onipotência* é a principal característica da fase de dependência absoluta. Essa característica, central na fase de dependência absoluta, somente ocorre em um bebê bem cuidado, isto é, um bebê que possui e, por isso, tem uma mãe, ou cuidador, que consegue responder às demandas dele de maneira adaptativa.

Segundo Winnicott (1990), essas demandas psicossomáticas do bebê, referidas também pelo autor dentro do conceito *gesto espontâneo*, quando atendidas pela mãe, cria no bebê a sensação de que aquilo que lhe foi suprido é resultado de seu próprio gesto. Por outro lado, a mãe não desfaz essa sensação do bebê, mas a sustenta e lhe dá suporte.

¹ Em Winnicott a realidade objetiva diz respeito à realidade compartilhada com outros seres humanos. Ela é sempre intersubjetiva e, por isso, comporta sempre uma articulação originária com a subjetividade de cada um.

Precisamente por isso a mãe fornece ao bebê subsídios necessários para que ele tenha a *ilusão* de que cria o mundo (mundo este onde tanto emergem as necessidades quanto os elementos que satisfazem essas necessidades).

Em um primeiro momento, pode-se estranhar que é justamente a presença da *ilusão*, e não a ausência dela, como seria de se esperar, que contribui para a formação de uma psique saudável. Esse estranhamento é gerado justamente pelo uso habitual que fazemos do termo “ilusão” como sempre implicando de maneira dialética o termo “realidade”. Em geral, essa implicação de um termo em outro, sugere para o termo “ilusão” noções de erro, corrupção e engano relativamente ao termo “realidade”. Entretanto, Winnicott opera com vários sentidos para “realidade” em sua obra, resultando em usos de “ilusão” com acepções mais afastadas das noções de erro ou engano.

Ainda que pareça estranho, esse conceito visa sintetizar uma descrição de como se estabelece a relação do bebê com a realidade. Como foi referido acima, o ambiente bem adaptado assegura uma continuidade no ser do bebê e fornece um sentido de confiança nessas experiências. A confiabilidade do ambiente assegura que o lactente exerça sua ilusão de que cria um mundo que o satisfaz em todas suas demandas e tensões, por isso mesmo essa capacidade criativa é caracterizada como *onipotente*. Essa confiabilidade do ambiente engendra uma crença e o bebê adquire uma noção rudimentar de interior e exterior (WINNICOTT, 1988a, p. 86).

Entretanto, essa *crença* não é uma crença em algo particular, mas a habilidade de *crer-em*. O bebê internaliza o *acreditar-em* baseado na experiência de confiabilidade possibilitada por um ambiente que o protege e atende às suas necessidades. É com a possibilidade de *crer-em* que o *self* vai se integrando e constituindo uma noção de realidade, e de realidade externa. Essa situação é extremamente frágil e precária, como Winnicott dirá em *Natureza Humana* (1988b, p. 179). Tal é a fragilidade que, havendo rupturas drásticas nesse ambiente que sustenta a *ilusão de onipotência* do bebê, não se cria a experiência adequada de confiança e, com isso, a noção de realidade, de mundo exterior, sentido de ser e de ser no mundo é prejudicada. Esse prejuízo é identificado na clínica como psicose, como dificuldade de se relacionar com a realidade do mundo em diversos níveis e graus.

Dada a limitação deste artigo, não poderemos explicitar todas as nuances desse aspecto fundamental da *ilusão de onipotência* e suas articulações com a confiança e o ambiente primário de desenvolvimento maturacional. Portanto, passaremos a explorar as relações dessas concepções trazidas até aqui com a abordagem fenomenológica de Heidegger.

4 | UMA FENOMENOLOGIA À TESE DA ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA

Em *Ser e Tempo*, Heidegger fornece muitos elementos para se pensar aquilo que é o ser humano. Contudo, por justamente não estar em seus objetivos prioritários, Heidegger

não tratou de fornecer os elementos completos da existência humana, i.e., o *Dasein*. Como se sabe, Heidegger visava compreender o sentido de ser e, para isso, desenvolveu a *Analítica Existencial* somente na medida em que esta era necessária para abrir caminho na exposição do sentido de ser.

Essas lacunas em *Ser e Tempo*, se é que podemos referi-las assim, deixadas propositalmente por Heidegger, abrem todo um campo de pesquisa que pode avançar rumo a desdobramentos para além do âmbito filosófico. Heidegger mesmo aponta nessa direção quando em *Ser e Tempo* (2012, p.557) se pergunta sobre o quanto a *analítica existencial* se beneficiaria de investigações da antropologia, psicologia e etc.; ou se seriam essas áreas ônticas que se beneficiariam da investigação existencial das estruturas fundamentais do *Dasein*. Uma resposta contundente não há. No entanto, com o que apresentamos de Winnicott, é de se pensar em uma afinidade deste com a fenomenologia existencial heideggeriana exatamente em tópicos que, partindo do ôntico (a clínica psicanalítica), atingem o ontológico.

O que está em jogo nessa articulação é um aspecto parcamente abordado por Heidegger acerca da nascencialidade do *Dasein* (SANTOS, 2010, p. 140). Tal aspecto se abre porque a abordagem winnicottiana dá centralidade para a corporeidade do ser, algo que o chamado Heidegger tardio tematizou, embora de uma maneira em que essa questão não era central nos estudos que desenvolvia. Tanto é verdade que a dimensão da corporeidade, na tradição fenomenológica, somente ganhou a devida relevância com a obra de Merleau-Ponty.

A situação primária e potencial, descrita em Winnicott como potencializadora de o bebê adquirir o senso de realidade, advém de uma capacidade que é originária no ser do bebê. Uma capacidade para criar mundo. Isto é, o bebê já nasce ligado ao mundo, por um corpo e por sua capacidade inata de se lançar no interior do mundo. Mas Heidegger não nos diz como isso se dá. Parece claro que, tanto em Heidegger quanto em Winnicott, há um acontecimento, um aparecer do ser. Winnicott nos aponta como esse *Dasein* é criador de mundo. Ele nos mostra uma chave interpretativa para perceber no âmbito ôntico o desdobrar da historicidade (*Geschichtlichkeit*), conceito que sabemos em Heidegger denotar um sentido ontologicamente mais originário do ser em geral, desde a emergência do *Dasein*.

Heidegger quer descobrir o sentido de ser. Winnicott nos diz que esse sentido é conquistado gradualmente, na historicidade do ser. Parece que Heidegger estaria de acordo com isso, afinal a busca pelo sentido de ser não se extingue até o findar-se do *Dasein*. Winnicott assevera (1988b) que o processo de amadurecimento pessoal somente se encerra quando do derradeiro momento: a morte. No entanto, Heidegger não se lançou a explicitar como essa busca pelo sentido de ser acontece desde a emergência do ser. Winnicott não somente aponta nessa direção como ainda assegura que é esse processo que consolida uma certa compreensão do mundo. Heidegger não nos dá a entender que

a emergência do *Dasein* necessita descobrir o sentido de ser, talvez o *Dasein* pudesse passar uma vida sem se perguntar pelo sentido de ser? Talvez, no sentido do questionar de Heidegger. Entretanto, o sentido de ser, a ipseidade, vai sendo construído à medida que o *Dasein* amadurece, isto é, vai tomando conhecimento de seu estado de estar lançado e da irrecuperável cena da origem, pois ele é um *já sempre aí*. É um ser que acontece de ser.

Heidegger dedica todo um capítulo acerca da *realidade* em *Ser e Tempo*; nele temos como peça fundamental a noção de ser-no-mundo. O *Dasein* é um ser-no-mundo, já se dá como um ser-no-mundo, nunca fora ou apartado dele. Winnicott concordaria com isso e nos informa de como adquirimos o senso de significação de mundo. Winnicott também concordaria com a tese heideggeriana de que o ser humano é formador de mundo; e nos informaria como isso acontece pela posse da confiança no ambiente primário. Toda essa potencialidade, ou como diria Winnicott, criatividade para dar sentido ao mundo que o próprio bebê com-forma é possível porque o bebê já nasce aberto. Quando se fala em subjetividade em Winnicott, trata-se de descrever a experiência de amadurecimento pessoal de cada um e não de que o bebê esteja fechado em seu interior e, em algum momento, ele se abra ao exterior. De forma alguma. O bebê é um ser sempre aberto à criatividade, e sua evidência mais genuína é o *gesto espontâneo*. Heidegger poderia ter compreendido – se tivesse conhecido o autor inglês – essa dimensão da criatividade, do *gesto espontâneo* de Winnicott, como uma estrutura cooriginária da abertura (*Erschlossenheit*), condição sem a qual não se daria a construção da consciência de si.

As tentativas de aproximação aqui esboçadas também têm em si um caráter de distanciamento. Distanciamento naquilo que cada uma delas não pode comunicar uma à outra. Todavia, pode-se perceber nas aproximações de componentes e estruturas da ontologia heideggeriana à teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott que ambas tratam de condições de possibilidade do existir humano. Seus distanciamentos são maiores quando percebemos que se movem em âmbitos distintos. Heidegger quer na investigação ôntico-ontológica descrever o modo de ser do ser humano a fim de captar o sentido de ser em geral. Winnicott investiga a gênese do ser humano em âmbito ôntico visando compreender o que é necessário para um adulto psicologicamente saudável. Ainda assim, parece que as descrições ônticas de Winnicott possuem implicações ontológicas; e Heidegger talvez autorizasse tais implicações desde sua afirmação em *Ser e Tempo* (2012, p. 537) de que a *angústia* frequentemente é condicionada “fisiologicamente”.

Seria preciso um espaço mais amplo do que este trabalho dispõe para traçarmos os pontos e desdobramentos de temas como o *cuidado*, tão caro a ambos os autores. Também é preciso apontar que, para uma aproximação completa da noção heideggeriana de ser-no-mundo com a noção winnicottiana de amadurecimento pessoal, teríamos de articular as noções de cuidado, preocupação, temporalidade, historicidade, angústia e com isso avançar rumo a uma tese da nascencialidade do *Dasein*. Algo que somente deixamos indicado aqui.

51 CONCLUSÃO

Este trabalho não pode ir além de um esboço de articulação entre ambos os autores. É com precaução que lançamos alguns pontos de contato e mapeamos uma bibliografia capaz de aprofundar o tema em um trabalho futuro. Entretanto, já é possível ver que pontos de uma teoria tocam em outra. Também é possível notarmos que diversas formulações winnicottianas tanto se aproximam quanto se afastam de Heidegger. Winnicott desenvolve discussões que apontam para tratamentos ontológicos, assim como analisa condições existenciais do modo de ser cotidiano, tanto saudável quanto doente. Tais desenvolvimentos dão suporte para uma clínica psicanalítica robusta. É possível perceber em Winnicott um desenvolvimento pré-ontológico em seu trabalho sobre a Natureza Humana (1988b), onde o ser humano não é um compósito de pulsões e instintos, mas um ser aberto, cheio de potencialidades e possibilidades. Winnicott trabalha com noções de ser e ente, algo que justifica uma tratativa pela fenomenologia existencial de Heidegger.

Essa riqueza de elementos que partem de um nível ôntico e alcançam em certa medida o nível ontológico indicam um importante distanciamento da abordagem heideggeriana. Porém, pode ser justamente o ponto de maior contribuição que a psicanálise winnicottiana oferece à filosofia fenomenológica. Não é a investigação winnicottiana uma análise do ser ontológico, todavia também não se resume a descrições mecanizadas de abordagens ônticas tradicionais. As formulações de Winnicott estão nesse intermeio, no interstício do ser e do ente. Não é possível ficar indiferente a essas aproximações, ainda que elas careçam de maior desenvolvimento. A psicanálise de Winnicott traz questões à filosofia, que poderão enriquecê-la se nos dispusermos a investigá-las.

REFERÊNCIAS

ABRAM, J. (Org.). **Donald Winnicott Today**. The New Library of Psychoanalysis. London, New York: Routledge, 2013.

BEAUMONT, R. H. Donald Winnicott as theorist: revolutionary or paradigm expander? In: **Psychoanalytic Quarterly**, vol. 83, n. 2, p.465-478, abr., 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/oyCdbT> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

CABESTAN, P. Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 5, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/hF74e5> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

COELHO JR, N.; FIGUEIREDO, L. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. In: **Interações**, vol. 9, n. 17, p. 9-28, jun., 2004. Disponível em: < <https://goo.gl/c1REWy> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

DIAS, E. O. Teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. In: **Natureza Humana**, São Paulo, vol. 10, n. 1, p. 29-46, jun. 2008.

_____. Winnicott e Heidegger: temporalidade e esquizofrenia. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 30-50, 2006. Disponível em: < <https://goo.gl/EPcvmm> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

_____. **Winnicott's theory of the maturational processes**. London: Karnac, 2016.

GRAÑA, R. B. **Heidegger: ou as vicissitudes da destruição**. Porto Alegre: AGE, 2016a.

_____. **Origem de Winnicott: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2016b.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. 19. auflag. Tübingen: Verlag, 2006.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, SP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Ser y Tiempo**. Trad., prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1997.

LE ROUX, E. E. **Loneliness in the Therapeutic Dialogue: the Concepts of Winnicott and Heidegger**. Pretoria, África do Sul: UPP, 2001.

LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. In: **Cadernos de História da Filosofia da Ciência**, Campinas, vol. 11, n. 2, p. 7-58, jul.-dez., 2001.

_____. Origem em Heidegger e Winnicott. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 2, n. 1, p. 28-44, 2007. Disponível em: < <https://goo.gl/wxFkth> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

_____. (Org.). **Winnicott e a ética do cuidado**. Coleção Psicanálise Winnicottiana. São Paulo: DWW, 2013.

_____. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. In: **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 6, n. 2, p. 39-61, 1995.

PHILLIPS, A. **Winnicott**. Tradução de Alessandra Siedschlag. Coleção Psicanálise Século 1. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

RIBEIRO, C. V. A crítica de Heidegger a Freud: quando o acesso mais originário à realidade não requisita representação. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 85-95, 2006. Disponível em: < <https://goo.gl/DixEoJ> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

_____. Heidegger e Winnicott: pensadores da origem. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 2, n. 1, p. 45-61, 2007. Disponível em: < <https://goo.gl/HAjqNY> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

RUDNYTSKY, P. L. **The psychoanalytic vocation: Rank, Winnicott and the legacy of Freud**. New Haven: Yale University Press, 1991.

SALDANHA, M. T.; KLAUTAU, P. Habitar, construir e confiar: articulações entre Winnicott e Heidegger. In: **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, vol. 38, n. 35, p. 143-159, jul.-dez., 2016.

SANTOS, E. S. O acontecer humano: alguns apontamentos. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 53-61, 2006. Disponível em: < <https://goo.gl/326Wjp> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

_____. Ontologia em Winnicott. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, vol. 4, n. 1 e 2, p. 1-17, 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/vm7grj> >. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

_____. **Winnicott e Heidegger**: aproximações e distanciamentos. Coleção Psicanálise Winnicottiana. São Paulo: DWW; FAPESP, 2010.

SPELMAN, M. B. *The Evolution of Winnicott thinking: examining the growth of psychoanalytic thought over three generations*. London: Karnac, 2013.

STEIN, E. J. **Antropologia Filosófica**: questões epistemológicas. Ijuí: Unijuí, 2009.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

_____. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **The child, the family and the outside world**. Classics in Child Development. Cambridge, Massachusetts: Perseus, 1987.

_____. **A criança e o seu mundo**. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O gesto espontâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Natureza Humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1988b.

_____. **Privação e delinquência**. Tradução de Álvaro Cabral. Coleção Psicologia e Pedagogia. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Through paediatrics to psycho-analysis**. New York: Basic Books, 1975.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

L

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

M

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

P

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

R

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

S

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

T

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

U

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

V

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

W

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2021